

Memorial herbário de Lobo Antunes

Flávio França*
Tercia Valverde**

Resumo

Entre os símbolos que Lobo Antunes usa em suas obras estão as flores, em uma profusão de nomes e de objetos com características vegetais. O trabalho aqui apresentado visa listar as espécies vegetais, nos romances de António Lobo Antunes: *Memória de Elefante* (2016 [1979]); *Os Cus de Judas* (2010[1979]) e *Conhecimento do Inferno* (1999[1980]). Foram por nós contabilizados pelo menos 471 citações de espécies vegetais ou materiais fitomórficos. Em *Memória de Elefante*, foram registradas 70 citações, em *Conhecimento do Inferno* 234 citações e, em *Os Cus de Judas*, 167 citações. Estas citações redundam em pelo menos 98 espécies vegetais diferentes (retirando os fitomórficos). As espécies mais citadas foram: plátano, eucalipto, tabaco, pinheiro (caruma +Pinhal), capim, tomate, mangueira, palmeira, laranja (+ laranjeira), maçã; batata, acácia, girassol, oliveira (+azeitona), algodão, vinha (+Uva), couve (+repolho). Estas espécies somam mais que 50% de todas as citações. As espécies vegetais citadas nos romances estudados ajudam a estabelecer o ambiente em que as ações se desenrolam, caracterizando lugares ou transmitindo emoções. A diferença entre as plantas utilizadas nos dois contextos demonstra um cuidado estético na ambientação das ações. Os fitomórficos são utilizados como componentes da estética dos romances, elevando o nível poético de algumas passagens.

Palavras-chave: Literatura portuguesa; Lobo Antunes; Estudo fitonímico; Etnobotânica.

* Professor Pleno do Departamento de Biologia da Universidade Estadual de Feira de Santana (DCBIO-UEFS), Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL-UEFS); atuação profissional: botânica de obras literárias, Sistemática e ecologia vegetal; Doutor em Botânica, Mestre em Estudos Literários, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1456-7801>.

** Professora Titular B do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana (DLA-UEFS), Membro colegiado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PROGEL-UEFS); atuação profissional: estudos em literatura portuguesa, com foco na obra de António Lobo Antunes, Doutora em Teoria da Literatura, Mestre em Estudos Literários, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3494-7043>.

Lobo Antunes' Herbarium Memorial

Abstract

Among the symbols that Lobo Antunes uses in his works are flowers, in a profusion of names and objects with plant characteristics. The work presented here aims to list as plant species in the novels of António Lobo Antunes: *Memória de Elefante* (2016[1979]), *Os Cus de Judas* (2010[1979]) and *Conhecimento do Inferno* (1999[1980]). We counted at least 471 citations of plant species or phytomorphic materials. In *Memória de Elefante* 70 citations were registered, in *Conhecimento do Inferno*, 234 and in *Os cus de Judas* 167. These quotes result in at least 98 different plant species (excluding the phytomorphic ones). The most cited species were: plane, eucalyptus, tobacco, 21, pine (caruma + Pine), grass, tomato, mango, palm, orange (+ orange tree), apple; potato, acacia, sunflower, olive (+ olive tree), cotton, vine (+ grape) and collard greens (+ cabbage). These species account for more than 50% of all citations. The plant species mentioned in the studied novels help to establish the environment in which the actions take place, characterizing places or transmitting emotions. The difference between the plants used in the two contexts demonstrates an aesthetic care in the setting of the actions. Phytomorphs are used as components of the aesthetics of novels, raising the poetic level of some passages.

Keywords: portuguese literature; Lobo Antunes; phytonymic study; Ethnobotany.

Introdução

O que mais nos chama a atenção na obra de António Lobo Antunes é a profusão de imagens metafóricas. A irradiação do discurso associada a uma sintaxe incisiva disfórica e meditativa dá à narrativa desse autor português, revelado nos anos 1970, uma grande potencialidade criativa (SEIXO *apud* GIROLA, 2016, p. 145). Essas imagens atreladas às espécies vegetais, são similares às coleções herborizadas de plantas (Exsicatas) guardadas em museus (Herbários), que tem como objetivo preservar a memória de ambientes que existiam no passado.

Pode-se afirmar que o autor se vale de uma intersemiotividade, típica da literatura contemporânea, intercalando no seu texto referências ligadas a diferentes esferas de saber, dialogando com muitas artes e domínios. Essa prática conduz o leitor à necessidade frequente de acessar informações que não estão no texto, fazendo-o explorar sua memória (cf. CATIJÓ, 2013).

Os romances de Lobo Antunes são marcados por um hibridismo com constantes diálogos entre o drama, a prosa e a poesia, sendo que ele explora a fragilidade das fronteiras entre os gêneros. Tal efeito pode ser observado na análise dos títulos de suas obras, como: *Não entres tão depressa nessa noite escura*, que lembra o verso de Dylan Thomas (*Do not go gently into that good night*) entre outras (cf. NAVAS, 2015).

Entre os símbolos literários que o autor usa estão as flores, em uma profusão de nomes de plantas e de objetos com características vegetais. Seixo (2010, p. 43) afirma que: “é preciso determinar quais os motivos e símbolos literários que, na ficção de Lobo Antunes, podem entrar em correspondência como elementos de uma teia de cariz positivo, em ambiente

representado e em significação figurada.”, pois “a flor não é, portanto, flor, mas um conjunto de semas positivos de claridade, alcance e alegria, cor e vida, fala amiga, gesto companheiro ou movimento harmonioso, sinal de luz que acolhe o olhar humano.” (SEIXO, 2010, p. 45).

Nas construções de suas imagens, Lobo Antunes, às vezes, se vale de objetos não vegetais superficialmente parecidos com plantas, conhecidos como fitomórficos. O fitomorfismo é muito utilizado na literatura, como em *O Cortiço* de Aluísio Azevedo, em que a o crescimento da comunidade é comparado a uma planta rasteira: “Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida.” (AZEVEDO, 1976, p. 29). O termo “Fitomorfo” é largamente empregado na literatura museológica para indicar aquelas obras de arte ou parte de obras de arte similares aos vegetais (BRASIL, 2006, p. 59-61).

O trabalho aqui apresentado visa listar as espécies vegetais nos romances de António Lobo Antunes *Memória de Elefante* (ME) (2016[1979]), *Os Cus de Judas* (CJ) (2010[1979]), e *Conhecimento do Inferno* (CI) (1999[1980]), relacionando-as aos aspectos artísticos e autobiográficos.

Obras analisadas

Em *Memória de Elefante*, publicado em 1979, o narrador descreve o seu percurso de um pouco mais de um dia partindo do seu trabalho no hospital Miguel Bombarda e terminando de madrugada no seu apartamento, passando por eventos que constituem as atividades cotidianas do psiquiatra e enfrentando as angústias derivadas do trabalho, do fim do casamento e do

distanciamento das filhas (ANTUNES, 2016 [1979]).

A leitura cuidadosa do texto deste romance revela, entremeado à temática pesada e densa, o motivo da necessidade de escrever, a saudade da mulher amada e a solidão, dando uma sensação de que tudo está interrelacionado (cf. NAVAS, 2015), gerando um quadro, uma cena fragmentada, como um espelho quebrado, em cujas fendas o autor coloca as reminiscências da guerra em Angola.

Em *Os Cus de Judas*, publicado também em 1979, há uma narrativa das memórias de um ex-integrante das forças portuguesas na guerra de independência de Angola. Toda a ação ocorre em um intervalo de uma noite, quando o narrador encontra uma mulher desconhecida em um bar e vai lhe contando suas experiências na guerra, concluindo a narrativa quando os dois amantes se separam na manhã seguinte e, a moça vai embora do apartamento dele (ANTUNES, 2010 [1979]).

Esta obra foi bastante discutida pela crítica especializada por evidenciar os traumas deixados pela guerra colonial em Angola, trazendo uma imagem obscura em contraponto àquela produzida pela revolução dos Cravos, pois, o romance foi publicado cinco anos depois desse evento histórico, permitindo romper com o silêncio sobre os acontecimentos ocorridos na África portuguesa (CUNHA, 2021, p. 83).

Em *Conhecimento do Inferno*, publicado em 1980, os pensamentos e as recordações do passado do narrador na guerra de independência de Angola se misturam às suas reflexões sobre suas atividades no manicômio Miguel Bombarda, onde o narrador atua como psiquiatra. Essas reflexões e pensamentos se dão no caminho de volta das férias, em que o narrador se desloca de carro do Algarve para Lisboa (ANTUNES, 1999 [1980]).

O romance traz a atenção do leitor para uma reflexão sobre as relações do ser humano com o passado, fazendo com que a viagem feita pela personagem simbolize o deslocamento,

[...] concebendo uma percepção do mundo que rompe com os limites da representação realista e objetiva da realidade [...] e um deslocamento profundo do indivíduo em direção ao passado, à memória, aos interstícios da lembrança, como quem busca iluminar uma paisagem interior sobe a qual o tempo, a amargura, o horror e o sofrimento projetaram uma zona de sombras que torna indistintos, vagos e nebulosos os eventos e os episódios que marcaram as experiências do personagem. (SCHEEL, 2009, p. 173).

Os três romances são unidos por uma forte incidência de aspectos da história de vida do autor, como as referências à Guerra em Angola, o exercício da profissão de psiquiatra no hospital Miguel Bombarda, detalhes do casamento, as filhas, são aspectos que perfazem esta trilogia autobiográfica na obra de Lobo Antunes (MELO, 2014, p. 89).

Nestes romances, o autor expressa um modo de entender e de executar a literatura de ficção, incluindo detalhes do cotidiano, utilizando a metáfora insólita, desenvolvendo, na visão de Navas (2015, p. 221), “uma pungente consideração da existência”.

O narrador se vale das memórias da sua experiência nos campos de batalha de Angola para construir a sua narrativa literária. As plantas (ou fitomórficos) podem estar relacionadas ora a um contexto angolano ora a um contexto português.

Herbário

Foram por nós contabilizados pelo menos 471 citações de espécies vegetais ou materiais fitomórficos. Em *Memória de Elefante*, foram registradas 70 citações, em *Conhecimento do Inferno* 234 citações e, em *Os Cus de Judas*, 167 citações.

Estas citações redundam em pelo menos 98 espécies vegetais diferentes (retirando os fitomórficos) (cf. Tabela 1). Destas espécies, não foi possível determinar a família botânica de 14 (c. 14%), não foi possível determinar o gênero de 22 espécies (c. 23%), bem como não foi possível associar o nome citado a um binômio botânico em 47 espécies (c. 48%).

A indeterminação das espécies (nomes de plantas citados aos quais não foi possível associar nome científico) foi similar nos dois contextos (c. 44%) tendo sido muito menor em *Memória de Elefante* (c. 7%), em relação aos outros dois: 48% em *Cus de Judas* e 46% em *Conhecimento do Inferno*.

As espécies mais citadas foram: plátano com 33 citações (c. 7%); eucalipto com 24 citações (5%); tabaco com 21 citações (c. 4,5%); pinheiro (somado a termos como “caruma” ou “Pinhal”) com 19 citações (c. 4%); capim com 18 citações (3,8%); tomate com 16 citações (c. 3,4%); mangueira e palmeira 13 citações cada (2,8%); laranja (somado ao termo “laranjeira”) e maçã com 12 citações cada (c. 2,5%); batata com 11 citações (c. 2,3%); acácia, girassol e oliveira (somado ao termo “azeitona”) com 10 citações cada (c. 2,1%); algodão, vinha (somado ao termo “Uva”) e couve (somado ao termo “repolho”) todos com 9 citações cada (c. 2%). Estas espécies somam mais que 50% de todas as citações de plantas.

Existem diferenças florísticas entre os dois romances. Em *Memória de Elefante*, a planta mais citada é o plátano (7 citações); o tomate (5 citações) e o tabaco (4 citações). Em *Os Cus de Judas*, a planta mais citada é o capim (14 citações), seguido pelo eucalipto (12 citações), e pela mangueira (11 citações.). Nota-se que essas três plantas são muito pouco citadas no outro romance. Em *Conhecimento do Inferno*, as plantas mais citadas foram o plátano, com 24 citações, e o pinheiro (somados aos termos “caruma” e “pinhal”) com 14 citações. Aqui também vale ressaltar que essas duas espécies são pouco citadas em *Os Cus de Judas*. Também é necessário lembrar que o termo “tomate”, citado nos textos, geralmente não se refere a uma planta.

Essa diferença é coerente com o fato de que as ações dos romances ocorrem em lugares tão diferentes, como Portugal e Angola. Na verdade, quando se observa em qual contexto a citação da espécie vegetal ocorre, se em um contexto em que a ação se dá em Portugal ou em Angola, percebe-se grande disparidade. Quando o contexto é Angola, as principais plantas citadas são o eucalipto e o capim (ambos com 15 citações) e a mangueira (com 13 citações). Sendo que essas três espécies são pouco citadas quando o contexto é Portugal, a terceira (Mangueira) sequer é citada neste contexto. Quando a narrativa se dá em Portugal, o plátano (26 citações) e o pinheiro (+caruma+pinhal), com 16 citações, são as referências vegetais mais frequentes. Contudo, o Plátano não é citado em contexto angolano e, o pinheiro só é citado uma única vez.

Os fitomórficos mais frequentes nas obras estudadas foram: flor de plástico (seis citações); rosa de plástico (4 citações) flor de sangue e flor do congo (com três citações cada) e ananás (com duas citações). Nos três romances, aparecem 15 fitomórficos.

É interessante notar que a frequência de fitomórficos é similar em *Os Cus de Judas* (13) e em *Conhecimento do Inferno* (12), porém, rara em *Memória de Elefante* (3).

Para Seixo (2010, p. 34), as “flores de plástico” (fitomórficos) estão na tentativa dos médicos do manicômio de “alijarem de si” a degenerescência e a morte, que são constantes no ambiente do Hospital. Os fitomórficos assumem o desejo da juventude eterna e a ausência da morte. Ainda aproveitando o raciocínio de Seixo (2010, p. 34), as “flores de plástico” contrastam com as flores murchas no quartel, em que as personagens tentam a todo custo restaurá-las, mas sem sucesso. As flores murcham, como os soldados postos uns ao lado dos outros, que veem seus pênis murchos. A perda da turgescência dos órgãos e das flores, a perda da vitalidade é a representação do processo da morte. A nação portuguesa não quer que seus soldados morram, mas eles são enviados a uma guerra. Assim, as flores de plástico mantém viva a esperança dos soldados voltarem vivos, como também dos doentes se recuperarem.

Quando se considera o contexto ambiental da narrativa, ocorre uma diferença significativa: em Portugal, há 15 citações de fitomórficos e, em Angola, há apenas 8 citações.

As flores de plástico (e as rosas de plástico) ocorrem quae que exclusivamente no contexto português. No contexto angolano, os fitomórficos adquirem conotações diferentes. Primeiro é a doença de origem fúngica, “flor do Congo”, uma micose nas partes genitais dos soldados, devido ao suor provocado pelas longas marchas e, por não fazerem o asseio higiênico de forma adequada. Já o segundo, a “flor de Sangue”, é relacionada ao ferimento que a bala faz ao entrar no corpo da vítima.

Entre os ingleses, uma flor representa o soldado morto em campo de batalha, particularmente nos campos de batalha da primeira guerra: a papoula vermelha. Esta associação deriva de um poema (*In Flandersfield*) de John McCrae (1915), que ligou a flor da papoula aos campos onde os soldados estavam sepultados. Desde então, tornou-se uma tradição fixar uma papoula nas vestimentas para lembrar os mortos em batalha, lembrando também um ferimento à bala. O centro negro da flor da papoula e suas pétalas vermelhas representariam bem a imagem que Lobo Antunes dá à “Flor de Sangue”, pois, remete à imagem da ferida causada pelo projétil de arma de fogo.

Para Seixo (2010, p. 34), as flores de plástico são “imagem de uma ausência com pretensões a corpo presente”. Pode-se dizer que esses fitomórficos representam a personagem principal que, apesar de presente, reflete a memória, as lembranças do passado. A esposa ausente, e a saudade das filhas se materializam nas cores falsas das flores de plástico.

Um fitomórfico interessante é o “ananás de pedra”, que está ligado à casa paterna do narrador, em *Os Cus de Judas*. Em um documentário sobre Lobo Antunes, há uma cena em que é mostrada a fachada externa da casa paterna do autor, onde, de cada lado do pórtico, tem uma escultura muito parecida com um abacaxi (ananás) (NORDLUND, 2009).

A planta que mais teve citação foi o Plátano, sempre associado a um contexto português e, principalmente, ligado aos romances *Conhecimento do Inferno* e *Memória de Elefante*. Esta espécie aparece relacionada ao Hospital Miguel Bombarda, particularmente ao pátio deste, como em: “estendendo as mangas para as árvores do pátio, os plátanos.” (CI, p. 75) ou “talvez que um de nós de pendure nos plátanos do pátio.” (idem, p. 85).

Seixo (2010, p. 19) relaciona o Hospital Miguel Bombarda ao inferno, um horror similar ao vivido pelo autor na guerra em Angola; dessa forma, os plátanos parecem delimitar este círculo infernal em que a personagem está imersa.

Para Seixo (2010, p. 34), “a cor dos plátanos no pátio dissimula a efetiva atmosfera ensombrada do interior do edifício”. No texto de Lobo Antunes, os plátanos assumem o próprio hospital, estabelecendo o limite mais externo. Apesar da ausência de liberdade, os Plátanos (e o hospital) protegem os pacientes, “suplicando sob os plátanos” (CI, p. 168).

A sombra proporcionada pelos plátanos remete à imagem de Hipócrates, pai da Medicina, ensinando aos seus discípulos, pois, proferia seus ensinamentos numa praça em Cós ornamentada de Plátanos. Essa árvore tem muitos significados relacionados à saúde, pois, ela perde as folhas no inverno, porém, as suas raízes e caule permanecem vivos e, na estação favorável, rebrotam (REZENDE, 2009). Esta capacidade de restauração está muito ligada à Medicina e, por extensão, ao Hospital, como lugar onde as pessoas vão querendo restaurar a sua saúde. Essa imagem positiva do Plátano e da Medicina contrasta com o desânimo do narrador em *Conhecimento do Inferno*, que só vê seus pacientes definharem sob o peso dos medicamentos que ele próprio recomenda para tratá-los, como em: “de início nem reparei nos internados, só na *claridade coada e doce dos plátanos*.” (CI, p. 37).

Os plátanos estão muito presentes na literatura mundial. Mário de Andrade, por exemplo, representa o hemisfério Norte, mostrando como São Paulo buscou, em modelos europeus e norte-americanos, a inspiração para desenvolver seu urbanismo (MARQUES, 2015, p. 15) Os plátanos, nessa visão, representam

a forma como as culturas do hemisfério norte são vistas pelos estrangeiros e também como essa cultura é transportada para o interior de outras culturas. Céline (2009[1932], p. 316), que é um autor muito admirado por Lobo Antunes (SOUZA, 2021, p. 5), relaciona o plátano às brincadeiras juvenis realizadas em volta destas plantas.

A segunda espécie em número de citações é o Eucalipto. Esta espécie é citada, principalmente, no contexto de Angola. Desde os tempos coloniais a plantação de Eucalipto é uma opção econômica neste país. De acordo com DOMINGOS (2014, p. 6), em 1963, a área plantada de Eucalipto em Angola era de 128.000ha, superando em muito as outras espécies madeireiras (e.g. *Pinus* com 16.000ha e *Cupressus* com 4.000ha). Desta forma, estas extensas plantações chamaram a atenção do autor na época de sua estadia em Angola, fazendo com que tais imagens fossem exploradas na construção de seus romances.

O tabaco, associado ao cigarro, ao cachimbo e ao hábito de fumar, está citado nos três romances e em ambos os contextos. Plantações de tabaco caracterizam ambientes em Angola como em: “numa infinita planície azul [...] de tabaco[...]” (CI, p. 47). Como também foi usado para fixar o a superioridade social do psiquiatra diante dos subalternos e dos pacientes, neste caso, identificando a marca do tabaco utilizado, *Gama*: “o médico era diferente também a não ser que fosse o mesmo, mas com uma barba grisalha postiça e um cachimbo cheio de tabaco Gama a fumar como um cargueiro.” (CI, p. 239). O tabaco, em Lobo Antunes, aparece frequentemente relacionado à sujeira que empardece (CI, p. 242), à prostituta que tem “hálito grosso de peixe e de tabaco.” (CJ, p. 172). Os volumes de tabaco estão entre as mercadorias que emolduram a indiferença para com o morto

(CJ, p. 173). Entre os índios amazônicos, o tabaco era jogado nos olhos do pretendente à xamã para lhe dar o dom da clarividência, a fumaça era relacionada ao espírito da força (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2017, p. 855), isso lembra a atividade do psiquiatra que tem uma ascendência sobre seu paciente, quase uma clarividência, também traz a força necessária para enfrentar a guerra, suportar a morte dos soldados. Esta clarividência pode ser sugerida pelo uso do tabaco, como Tolkien usa para justificar seu uso em uma discussão entre Magos (JUDD e JUDD, 2017, p. 240). Céline (2009[1932]), apresenta o tabaco (*tabac*) ora como uma mercadoria (e.g. p. 187) ora como uma droga usada para abstrair da realidade (p.99); mais raramente o tabaco está ligado a outras simbologias na obra do autor francês, como a masculinidade paterna (p.363) e à vida científica da época (p. 298).

O Pinheiro é, principalmente, citado no contexto Português e no romance *Conhecimento do Inferno*. A caruma é a folha acicular do gênero *Pinus*, que tende a acumular no chão, associa-se esse termo também a esses montes de folhas acumuladas. Impossível saber à qual espécie Lobo Antunes se refere, mas este nome comum (Pinheiro) está presente nas mais antigas culturas do velho mundo, como na cultura japonesa que reserva um *Mon*, insígnias heráldicas circulares, para o Pinheiro, que representa incorruptibilidade e a longevidade (GIBSON, 2012, p. 139), como também à imortalidade, símbolo do poder vital (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2017, p. 718). Os pinheiros (várias espécies de *Pinus*) são largamente distribuídos no hemisfério Norte, estando presentes nas narrativas de várias culturas europeias, representando inclusive a nacionalidade de muitas delas (JUDD e JUDD, 2017, 235). Gersão (2017, p. 240)

relaciona o odor do pinheiro à Portugal, ao lar paterno. Essa simbologia é seguida pelo autor aqui estudado, pois o Pinheiro é majoritariamente citado positivamente, como abrigo de aves: “entre os Pinheiros, vira numa ocasião cantar os primeiros galos” (CI, p. 289); no contexto de férias e alegria: “minhas filhas sorriam no Pinhal da casa da praia” (CI, p. 147); na lembrança saudosa de Portugal e da família: “velha casa dos meus pais que energia da noite dos Pinheiros” (CI, p. 311).

Já o Capim é referido, majoritariamente, no contexto angolano e no romance *Os Cus de Judas*. O capim é um nome associado a diferentes espécies de gramíneas e ciperáceas, sendo impossível identificar a qual espécie este nome está ligado. Nos textos estudados, o capim está associado ao abandono: “o capim engolia os tratores.” (CJ, p. 142); aos locais com cadáveres: “encontramos os corpos disseminados no capim.” (CJ, p. 171), ou ao desleixo do colega que deixava a barba crescer com “uma impetuosidade de capim.” (CI, p. 220), ou seja, o termo “capim” está frequentemente ligado aos aspectos sociais negativos.

Seixo (2010, p.47-48) chama a atenção para a citação de glicínias e buganvílias na obra de Lobo Antunes, muitas vezes, referindo-se à casa paterna, frequentemente referidas apenas com o seu hábito (trepadeira): “em todos os casos indicam um ambiente doméstico (ou que se desejaria como tal), no sentido de proteção afetiva e de coesão familiar.” Nas obras analisadas, foram raras as espécies que têm o hábito trepador. Além das glicínias e buganvílias, são encontradas as vinhas (uva), o feijão, a baunilha, a cabaça e o chuchu; dessas, apenas as glicínias, as buganvílias e as vinhas (uva) são trepadeiras lenhosas (lianas), as outras são herbáceas. As lianas apresentam crescimento secundário, formam lenho e são rígidas, enquanto as trepadeiras

herbáceas não apresentam crescimento secundário, não formam lenho e são frágeis. McDowell (2017, p. 139), ao estudar as flores na obra de Marcel Proust, afirma que a glicínia é símbolo da ternura e da amizade, contudo, Proust a usa como um dos artifícios da prostituta para atrair seus clientes. As buganvílias e as glicínias são citadas nas obras analisadas. Glicínia aparece apenas no contexto de Portugal e todas as citações vieram de *Conhecimento do inferno*, que parecem mais relacionadas com a melancolia (e.g. “a frágil tristeza das glicínias”, CI, p. 20 ao falar da chuva) e a decadência (“as glicínias defolhavam-se devagar”, CI, p. 189). Já buganvília aparece apenas uma vez, na obra *Os cus de Judas*, também no contexto português, relacionada à casa paterna (“ramos secos das buganvílias sobre o muro.”)(ME, p. 85). É comum que tais lianas prejudiquem o hospedeiro (cf. ENGEL et al., 1998). Levando este fato ao contexto da literatura de Lobo Antunes, ainda mais os ramos secos da buganvília no muro do lar paterno, conduz a considerar a significação de sufocamento do ambiente paterno e não às imagens positivas levantadas pela referida estudiosa.

As acácias são um “motivo literário evocador da infância na obra do autor.” (SEIXO, 2010, p. 39). De fato, esta planta está associada à proteção das coisas abandonadas, como um velho edifício de uma missão que se transforma em um lugar agradável (CJ, p. 142), coalhando o sol no prazeroso ato sexual (idem, p. 51) e, passando tranquilidade do seu “rumor desordenado” (CI, p. 15).

A utilização das plantas na obra desse autor aumenta a variedade das figuras de linguagem caracteristicamente usadas por Lobo Antunes. Foi possível identificar associações das espécies vegetais a uma grande diversidade de significados.

Raramente, a figura de linguagem está associada a apenas uma significação, como o plátano indelevelmente ligado ao Hospital, geralmente, o elemento de significação está associado a mais de uma espécie.

A planta como alimento é a associação mais frequente encontrada nas obras analisadas. Apesar do alimento aparecer, na maioria das vezes, na sua forma concreta, em algumas situações ocorre uma representação que vai além do significado do alimento em si, pois, a literatura tem a capacidade tratar o alimento “indo da prática mais rasteira (no dia-a-dia de quem nem pensa o que se come) ao nível mais elaborado da confecção do texto como alimento supremo do corpo ou até do espírito.” (SEIXO, 2014, p. 17), como, por exemplo, a associação com recordações, ao ligar as plantas (couve e legumes) de uma horta com o passado distante (CI, p. 243) ou como personagens trágicas de um processo inexorável de substituição capitalista de empresas: “uma mercearia leprosa assassinada no seu arroz e nas suas batatas por um supermercado gigantesco.” (ME, p. 34).

A morte é uma importante associação com as plantas. A indiferença para com os mortos, no campo de batalha, é realçada com o fato dos corpos serem armazenados temporariamente entre os mantimentos, de forma que, em vez das flores que geralmente usam para velar o defunto, ele tem a companhia de víveres rotineiros como sacos de batata e de farinha (CJ, 171-172), a mesma indiferença com os corpos dispersos no capim do campo de batalha (CI, p. 171). Os diversos odores vegetais podem chamar a atenção da personagem, trazendo, por exemplo, a recordação do amigo morto, relacionado ao cheiro do cravo (CI, p. 182), como também o do eucalipto relacionado aos mortos ao relento (CI, p. 162) e aos crescimentos contínuos

do número de mortos na Guerra (CJ, p. 58). O odor de hortelã também faz a personagem lembrar os mortos deixados ao relento (CI, p. 162). O silêncio dos mortos é relacionado ao material do caixão: mogno (CI, p. 257), Os fitomórficos também são usados na representação da morte, como a “flor de papel de seda da morte.” (CI, p.213).

É farta a representação da natureza através das plantas, principalmente, dos ciclos circadianos, o passar dos dias, das estações do ano, os momentos de transformação como o crepúsculo, onde o sol é, frequentemente, representado como uma tangerina: “se assemelhava a uma pálida tangerina de uma natureza morta.” (CI, p. 134) e a aurora como em “o sol amadurecia devagar como nas cascas das romãs.” (CI, p. 67). É frequente as plantas representarem grandes entidades naturais como o mar em: “o odor do mar trepava as paredes numa espiral de glicínias.” (CI, p. 52) ou, como uma moldura para o luar: “a pedra-pomes da lua enalhou nos eucaliptos.” (CJ, p. 63).

A representação da masculinidade é praticamente estrita aos órgãos sexuais. “Tomates” utilizado em várias passagens dos três romances é vulgarmente associado aos testículos (ALMEIDA, 2021, p. 232). O pênis é associado à cenoura (CI, p. 186) e, na passagem em que ocorre a descrição de um ato sexual, “o pênis a pique húmido de sede, grosso de veias, vermelho em flor de Pessanha” (CJ, p. 51). Isso contrasta com a diversidade da representação da feminilidade. A mulher aparece desde a sua visão mais pueril, como a representação das vozes das meninas jovens relacionadas às “sílabas de algodão” (CJ, p. 7) ou a noiva virgem, “a flor de laranjeira é tangerina das murchas.” (CI, p. 124), até a defloração representada por um fitomorfo, que é a “flor de sangue no lençol.” (CI, p. 66). A

prostituta é a mulher que não é passiva, que ataca os homens como uma planta carnívora (ME, p. 65), que é a planta que sai da sua passividade normalmente observada no vegetal e parte para a ação em busca do seu alimento (cf. SEIXO, 2010, p. 63). O hortelã-pimenta em doces (rebuçados) serve como pagamento para o estupro de meninas prostituídas (CJ, p. 41). Ele associa as meretrizes ao sórdido, como o já citado “hálito grosso de peixe e de tabaco.” (CJ, p. 172). O órgão sexual feminino é associado ao “musgo das grutas” (CI, p. 66); o púbis da mulher aparece como “os ramos dos choupos no crepúsculo.” (CJ, p. 158). Apesar de não ser um órgão sexual, no sentido de que não participa da reprodução sexuada humana, os seios aparecem em um momento relacionado ao sexo, ao descrever o corpo da mulher, associou seus seios à imagem de peras enormes (CJ, 94).

A sensação de abandono (indiferença, decadência) é fartamente representada por plantas, como a “indiferença analfabeta das acácias.” (CI, p. 67), talvez, em uma referência aos leitores. Os fitomórficos são mais utilizados para expressar a indiferença: “por que as flores de plástico são como bichos empalhados.” (CI, p. 45). O capim é a planta que mais se identifica com o abandono, pois, ele cresce irresistivelmente sobre as coisas inutilizadas, ele engole os tratores abandonados (CJ, p. 142). As folhas secas do eucalipto saltando no chão com o vento também trazem uma sensação de abandono no trecho: “Cá fora, à entrada do edifício, as folhas secas dos eucaliptos restolhavam constantemente sopradas pelo vento alto” (ME, p. 68). O lento desfolhamento das glicínias, além do ciclo natural tão caro ao autor, refletem também a decadência na passagem: “as glicínias desfolhavam-se devagar.” (CI, p. 189).

A plantas também aparecem relacionadas como metáforas daquilo que protege e, por extensão, à família ou à saudade da família. O velho edifício, por exemplo, é protegido pela frescura das acácias (CJ, p. 142), o toldo de bambu (CI, p. 216) protegendo os combatentes ou os plátanos protegendo os pacientes que arrastam as sandálias à sua sombra (CI, p. 36). Da mesma forma, os pinheiros protegem a velha casa dos pais (CI, p. 311), como também a memória do sorriso das filhas emoldurada num pinhal da casa da praia (CI, p. 147).

Muito mais se pode falar sobre os significados das plantas na obra de Lobo Antunes, mas, o acima descrito, abarca, sem dúvida, a maior parte do que é encontrado nas obras analisadas.

Considerações Finais

Na narrativa de Lobo Antunes, as flores funcionam como um veículo que abarca, transporta e transborda as percepções metafóricas de mundo. Participando do fio narrativo antuniano e, delineando o grande mosaico literário do escritor. Através das plantas citadas, foi possível fazer interligações do autor com obras da literatura europeia do século XX.

As espécies vegetais citadas nos romances estudados ajudam a estabelecer o ambiente em que as ações se desenrolam, caracterizando lugares, ou transmitindo emoções. A diferença entre as plantas utilizadas, nos dois contextos, demonstra um cuidado estético dos narradores, na ambientação das ações.

Os fitomórficos presentes na obra são aspectos instigantes da análise da maneira de escrever desse autor português. Eles são utilizados como componentes da estética dos romances, elevando o nível poético de algumas passagens. Como uma

recusa a relacionar as personagens ou o ambiente a uma realidade concreta, enviando o leitor a um lugar incomodamente artificial, até mesmo *kitsch* (cafona).

As espécies vegetais citadas, mesmo os fitomórficos, funcionam como âncoras, para trazer a memória dos fatos dramáticos vividos pelas personagens, diante da impossibilidade de trazer para o presente a narrativa do passado exatamente como ela ocorreu. Desta forma, estas âncoras permitem a revelação de uma memória possível, trabalhada ou poetizada através da inusitada metáforização. Na botânica, o herbário trabalha na manutenção da memória de um ambiente que, muitas vezes, já não existe mais ou está muito alterado. A análise dessas plantas secas (*exsicatas*) depositadas nos frios escaninhos também remete às pessoas envolvidas (cientistas e colaboradores), às crenças, convicções e desejos de um futuro melhor para todos. A leitura das plantas citadas na obra de Lobo Antunes leva a essa percepção, como se folheássemos um memorial herborizado, buscando novos caminhos para o futuro.

Referências

ALMEIDA, José. *Dicionário aberto de calão e expressões idiomáticas*. Atualizado em 8 mar 2021. Disponível em <<https://natura.di.uminho.pt/~jj/pln/calao/dicionario.pdf>>, acesso em 14 ago 2021.

ANTUNES, Antônio Lobo. *Memória de elefante*. Disponível em <<https://epdf.pub/memoria-de-elefante.html>>, acesso 22 jun. 2016 [1979].

ANTUNES, Antônio Lobo. *Os cus de Judas*. 2a. Edição. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010 [1979].

ANTUNES, Antônio Lobo. *Conhecimento do inferno*. Lisboa: Dom Quixote, 11ª Ed., 1999 [1980].

AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. 4a. Ed. Série Bom Livro. São Paulo: Ática, 1976.

BRASIL. *Caderno de diretrizes museológicas*. 2ª Edição Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2006.

CARIJÓ, Sílvia. Memória de elefante de António Lobo Antunes: o texto em diálogo com as artes visuais. *Em Tese*, v. 19 n. 2, p. 84-94 2013.

CÉLINE, Louis-Ferdinand. *Voyage au bout de la nuit*. Paris: Folio plus classique, 2009.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário dos Símbolos*. Tradução de Vera da Costa e Silva. 30a. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

CUNHA, Isaías. Os cus de judas e terra sonâmbula: uma análise comparativa sobre a perspectiva da condição humana na visão de António Lobo Antunes e Mia Couto. *Inventário*. n. 27, p.81-95, 2021.

DOMINGOS, Jeremias. *A importância da floresta indígena e exótica no desenvolvimento económico e social de Angola: situação actual e potencialidades*. Dissertação de Mestrado. Évora: Universidade de Évora, 2014. 55p.

ENGEL, Vera; FONSECA, Renata; OLIVEIRA, Renata. Ecologia de lianas e o manejo de fragmentos florestais. *Série Técnica IPEF*, v. 12, n. 32, p. 43-64, 1998.

GERSÃO, Teolinda. *A cidade de Ulisses*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2017.

GIBSON, Clare. *Como compreender símbolos*. Tradução de Luís Borges. São Paulo: Editora Senac, 2012.

GIROLA, Maristela. Contribuições literárias para os estudos narrativos a partir de um Corpus português: a narrativa em António Lobo Antunes. *Letras*, v. 26, n. 53, p. 127-151, 2016.

JUDD, Walter; JUDD, Graham. *Flora of Middle-Earth: plants of J.R.R. Tolkien's legendarium*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

MCCRAE, John. In Flanders field. *Punch Magazine*, december 8, p. 468, 1915. Disponível em: <https://archive.org/details/punchvol148a149lemouoft/page/994/mode/2up>, acesso em 02 ago. 2021.

MCDOWELL, Dane. *L'herbier de Marcel Proust*. Paris: Flammarion, 2017.

MARQUES, Raniera. A cultura em Paulicéia Desvairada. *DLCV*, v. esp., n. 1, p. 9-26, 2015.

MELO, Carla. O eterno retorno na trilogia de Lobo Antunes: o sujeito e suas máscaras à deriva. *Desassossego*, v. 11, p. 88-102, 2014.

NAVAS, Diana. Memória de elefante de António Lobo Antunes: diálogos intertextuais, *Desassossego* 14, 219-232, 2015.

NORDLUND, Solveig. *António Lobo Antunes: Escrever, escrever, viver* Coleção Escritores Portugueses, Portugal, 2009, 53', cor.

REZENDE, Joffre Marcondes. *À sombra do plátano: crônicas de história da medicina* [online]. São Paulo: Editora Unifesp, 2009. 408p.

SCHEEL, Márcio. Memória, viagem e angústia em “Conhecimento do Inferno”, de Antonio Lobo Antunes. *Letras*, v. 19, n. 1, p. 169–193, 2009.

SEIXO, Maria. As flores do inferno. *In: Romances de António Lobo Antunes*. v. 2. Córdova: Publicações Dom Quixote, 2010, p. 17-128.

SEIXO, Maria. Os sabores da literatura ou: Como a gastronomia se apoia nos modos de dizer. *ABRIL– Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*, v. 6, n. 12, p. 16-35, 2014.

SOUZA, Sérgio. Sob o signo de Céline (Memória de Elefante, Os Cus de Judas, Conhecimento do Inferno). *Santa Barbara Portuguese Studies* (digital edition), v.6, p.5-17, 2021, disponível em < https://sbps.spanport.ucsb.edu/sites/default/files/sitefiles/volume/Vol_6/2%20Sousa%20-%20Sob%20o%20signo%20de%20Ce%CC%81line.pdf>, acesso 18 ago. 2021.

Tabela 1: Lista de espécies: C- número de citações; Tipo: P- planta, F- Fitomorfo; A- Contexto de Angola; P- Contexto de Portugal; CJ- Os Cus de Judas; CI- Conhecimento do Inferno; ME- Memória de Elefante.

Nome vernáculo	C	%	Espécie (Família)	Tipo	A	P	CJ	CI	ME
Plátano	33	7,0	<i>Platanus</i> sp. (Platanaceae)	P	0	33	2	24	7
Eucalipto	24	5,1	<i>Eucalyptus</i> sp. (Myrtaceae)	P	15	9	12	9	3
Tabaco	21	4,5	<i>Nicotiana tabacum</i> L. (Solanaceae)	P	8	13	8	9	4
Pinheiro=caruma=pinhal	19	4,0	Espécie indeterminada (Pinaceae)	P	1	18	3	14	2
Capim	18	3,8	Espécie indeterminada (Poaceae)	P	15	2	14	3	1
Tomate	16	3,4	<i>Solanum lycopersicum</i> L. (Solanaceae)	P	6	10	6	5	5
Mangueira	13	2,8	<i>Mangifera indica</i> L. (Anacardiaceae)	P	13	0	9	2	2
Palmeira	13	2,8	Espécie indeteminada (Arecaceae)	P	10	3	4	6	3
laranja=laranjeira	12	2,6	<i>Citrus x aurantium</i> L. (Rutaceae)	P	3	7	5	7	0
Maçã	12	2,6	<i>Malus domestica</i> Borkh. (Rosaceae)	P	3	7	7	4	1
Batata	11	2,3	<i>Solanum tuberosum</i> L. (Solanaceae)	P	3	7	3	7	1

Acácia	10	2,1	Espécie indeterminada (Fabaceae)	P	3	7	4	6	0
Girassol	10	2,1	<i>Helianthus annuus</i> L. (Asteraceae)	P	8	2	3	4	3
oliveira=azeitona	10	2,1	<i>Olea europaea</i> L. (Oleaceae)	P	1	9	1	8	1
Algodão	9	1,9	<i>Gossypium</i> sp. (Malvaceae)	P	5	4	6	2	1
couve=repolho	9	1,9	<i>Brassica oleraceae</i> L. (Brassicaceae)	P	0	9	1	8	0
Musgo	9	1,9	Espécie e família indeterminadas	P	3	6	5	4	0
vinha= Uva	9	1,9	<i>Vitis vinifera</i> L. (Vitaceae)	P	1	8	1	7	0
Alga	8	1,7	Espécie e família indeterminadas	P	0	8	1	6	1
Mandioca	8	1,7	<i>Manihot esculenta</i> Crantz (Euphorbiaceae)	P	8	0	6	2	0
Figueira	7	1,5	<i>Ficus</i> sp. (Moraceae)	P	1	6	5	2	0
Arroz	6	1,3	<i>Oryza sativa</i> L. (Poaceae)	P	3	3	1	4	1
flor de plástico	6	1,3	Espécie e família indeterminadas	F	1	5	2	3	1
Amoreira	5	1,1	<i>Morus</i> sp. (Moraceae)	P	0	5	0	4	1
Cenoura	5	1,1	<i>Daucus carota</i> L. (Apiaceae)	P	0	5	1	3	1
Glicínia	5	1,1	<i>Wisteria</i> sp. (Fabaceae)	P	0	5	0	5	0

Liamba=haxixe= marijuana	5	1,1	<i>Canabis sativa</i> L. (Cannabaceae)	P	4	1	3	2	0
limão=limoeiro	5	1,1	<i>Citrus</i> sp. (Rutaceae)	P	0	5	0	4	1
Pêra	5	1,1	<i>Pyrus</i> sp. (Rosaceae)	P	1	4	3	2	0
Alho	4	0,9	<i>Allium sativum</i> L. (Amaryllidaceae)	P	0	4	1	1	2
amêndoa=amendoeira	4	0,9	<i>Prunus dulcis</i> (Mill.) D.A. Webb (Rosa- ceae)	P	1	3	0	4	0
castanheiro=castanha	4	0,9	<i>Castanea sativa</i> Mill. (Fagaceae)	P	0	4	0	1	3
Jacinto	4	0,9	<i>Hyacinthus orientalis</i> L. (Asparagaceae)	P	1	3	1	3	0
Rosa de plástico	4	0,9	<i>Rosa</i> sp. (Rosaceae)	F	0	4	0	3	1
Tremoço	4	0,9	<i>Lupinus albus</i> L. (Fabaceae)	P	1	3	1	1	2
Alfazema	3	0,6	<i>Lavandula angustifolia</i> L. Mill. (Lamiaceae)	P	0	3	0	2	1
ananás (p)	3	0,6	<i>Ananas</i> sp. (Bromeliaceae)	P	0	3	0	2	1
Bambu	3	0,6	<i>Bambusa</i> sp. (Poaceae)	P	2	1	2	1	0
Cacto	3	0,6	Espécie indeterminada (Cactaceae)	P	0	3	2	1	0
Caniço	3	0,6	<i>Phragmites australis</i> L. (Cav.) Trin ex. Steud. (Poaceae)	P	0	3	0	3	0
Cipreste	3	0,6	<i>Cupressus</i> sp. (Cupressaceae)	P	0	3	0	2	1

Crisântemo	3	0,6	<i>Chrysanthemum</i> sp. (Asteraceae)	P	0	3	2	0	1
flor de sangue	3	0,6	Espécie e família indeterminadas	F	2	1	2	1	0
flor do Congo	3	0,6	Espécie e família indeterminadas	F	3	0	3	0	0
Milho	3	0,6	<i>Zea mays</i> L. (Poaceae)	P	1	2	2	0	1
Tangerina	3	0,6	<i>Citrus reticulata</i> Blanco (Rutaceae)	P	1	2	0	3	0
Trigo	3	0,6	<i>Triticum aestivum</i> L. (Poaceae)	P	0	3	0	2	1
ananás (F)	2	0,4	<i>Ananas</i> sp. (Bromeliaceae)	F	0	2	2	0	0
Azinhaira	2	0,4	<i>Quercus ilex</i> L. (Fagaceae)	P	0	2	0	0	2
Café	2	0,4	<i>Coffea arabica</i> L. (Rubiaceae)	P	2	0	0	2	0
Carambola	2	0,4	<i>Averrhoa carambola</i> L. (Oxalidaceae)	P	0	2	0	2	0
Cedro	2	0,4	<i>Cedrus libani</i> A. Rich. (Pinaceae)	P	0	2	0	2	0
Cravo	2	0,4	<i>Dianthus caryophyllus</i> L. (Caryophyllaceae)	P	1	1	1	1	0
Dália	2	0,4	<i>Dahlia</i> sp. (Asteraceae)	P	2	0	2	0	0
Feijão	2	0,4	<i>Phaseolus</i> sp. (Fabaceae)	P	1	1	2	0	0
flor do quartel	2	0,4	Espécie e família indeterminadas	P	0	2	0	2	0
grão de bico	2	0,4	<i>Cicer arietinum</i> L. (Fabaceae)	P	2	0	2	0	0
hortelã-pimenta	2	0,4	<i>Mentha x piperita</i> L. (Lamiaceae)	P	1	1	1	0	1
Mogno	2	0,4	<i>Swietenia mahogoni</i> (L.) Jacq. (Meliaceae)	P	1	1	0	2	0

Morango	2	0,4	<i>Fragaria</i> sp. (Rosaceae)	P	0	2	0	0	2
pêra francesa	2	0,4	<i>Pyrus</i> sp. (Rosaceae)	P	0	2	0	2	0
sobreiro=chapparro	2	0,4	<i>Quercus suber</i> L. (Fagaceae)	P	0	2	0	2	0
Tília	2	0,4	<i>Tilia</i> sp. (Malvaceae)	P	0	2	1	0	1
Tulipa	2	0,4	<i>Tulipa</i> sp. (Liliaceae)	P	1	1	0	2	0
Violeta	2	0,4	Espécie e família indeterminadas	P	0	2	1	0	1
Alecrim	1	0,2	<i>Rosmarinus officinalis</i> L. (Lamiaceae)	P	0	1	0	1	0
Alfaces	1	0,2	<i>Lactuca sativa</i> L. (Asteraceae)	P	0	1	1	0	0
Amendoim	1	0,2	<i>Arachis hypogaea</i> L. (Fabaceae)	P	0	1	1	0	0
arbusto de alumínio	1	0,2	Espécie e família indeterminadas	F	0	0	0	1	0
arbustos decompostos	1	0,2	Espécie e família indeterminadas	P	1	0	1	0	0
árvore de açúcar	1	0,2	Espécie e família indeterminadas	F	0	0	0	1	0
árvore de anis	1	0,2	Espécie e família indeterminadas	P	0	1	0	1	0
árvore de Gago Coutinho	1	0,2	Espécie e família indeterminadas	P	0	1	0	1	0
árvore de Monsanto	1	0,2	Espécie e família indeterminadas	P	0	1	0	1	0
árvore do Mouchão	1	0,2	Espécie e família indeterminadas	P	0	1	0	1	0
árvore inesperada	1	0,2	Espécie e família indeterminadas	P	1	0	1	0	0
árvores de borracha	1	0,2	<i>Ficus elastica</i> Roxb. (Moraceae)	P	1	0	1	0	0

bananeira	1	0,2	<i>Musa x paradisiaca</i> L. (Musaceae)	P	1	0	1	0	0
baunilha	1	0,2	<i>Vanilla planifolia</i> Jacks. ex Andrews (Orchidaceae)	P	0	1	0	0	1
buganvília	1	0,2	<i>Bougainvillea</i> sp. (Nyctaginaceae)	P	0	1	1	0	0
buxo	1	0,2	<i>Buxus sempervirens</i> L. (Buxaceae)	P	0	1	0	0	1
cabaça	1	0,2	Espécie indeterminada (Cucurbitaceae)	P	1	0	1	0	0
cacau	1	0,2	<i>Theobroma cacao</i> L. (Malvaceae)	P	1	0	1	0	0
capim amarelo	1	0,2	<i>Phalaris arundinacea</i> L. (Poaceae)	P	1	0	1	0	0
cebola	1	0,2	<i>Allium cepa</i> L. (Amaryllidaceae)	P	1	0	0	1	0
choupo	1	0,2	<i>Populus</i> sp. (Salicaceae)	P	0	1	1	0	0
chuchu	1	0,2	<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Swartz (Cucurbitaceae)	P	1	0	1	0	0
cicuta	1	0,2	<i>Conium maculatum</i> L. (Apiaceae)	P	0	1	1	0	0
feno	1	0,2	Espécie e família indeterminadas	P	1	0	1	0	0
flor amarela	1	0,2	Espécie e família indeterminadas	P	0	1	0	1	0
flor de cera	1	0,2	Espécie e família indeterminadas	F	0	1	1	0	0
flor de pano	1	0,2	Espécie e família indeterminadas	F	0	1	0	1	0
flor de papel de seda	1	0,2	Espécie e família indeterminadas	F	0	1	0	1	0

flor de Pessanha	1	0,2	<i>Adenium obesum</i> (Forssk.) Roem. &Schult. (Apocynaceae)	F	0	1	1	0	0
flor mulher	1	0,2	Espécie e família indeterminadas	F	0	1	0	1	0
flor vermelha	1	0,2	Espécie e família indeterminadas	F	1	0	1	0	0
gerânio	1	0,2	Espécie indeterminada (Geraniaceae)	P	0	1	1	0	0
hortelã	1	0,2	<i>Mentha</i> sp. (Lamiaceae)	P	0	1	0	1	0
Lírio	1	0,2	<i>Lilium</i> sp. (Liliaceae)	P	0	1	0	1	0
marmeleiro	1	0,2	<i>Cydonia oblonga</i> Mill. (Rosaceae)	P	0	1	0	0	1
mirra	1	0,2	<i>Commiphora myrrha</i> (Nees) Engl. (Bursaceae)	P	0	1	0	1	0
mostarda	1	0,2	Espécie indeterminada (Brassicaceae)	P	0	1	0	0	1
olaia	1	0,2	<i>Cercis siliquastrum</i> L. (Fabaceae)	P	0	1	0	1	0
papoila	1	0,2	<i>Papaver rhoeas</i> L. (Papaveraceae)	P	0	1	0	1	0
patchouli	1	0,2	<i>Pogostemon</i> sp. (Lamiaceae)	P	0	1	1	0	0
pêssegos	1	0,2	<i>Prunus persica</i> (L.) Batsch (Rosaceae)	P	0	1	0	0	1
pinha	1	0,2	Espécie e família indeterminadas	F	1	0	1	0	0
planta carnívora	1	0,2	Espécie e família indeterminadas	P	0	1	0	0	1

romã	1	0,2	<i>Punica granatum</i> L. (Lythraceae)	P	0	1	0	1	0
rosa	1	0,2	<i>Rosa</i> sp. (Rosaceae)	P	0	1	0	0	1
rosa de papel	1	0,2	Espécie e família indeterminadas	F	0	1	0	0	1
salgueiro	1	0,2	<i>Salix</i> sp. (Salicaceae)	P	0	1	0	1	0
sarça	1	0,2	Espécie e família indeterminadas	P	1	0	1	0	0
